

**FORMAÇÃO CONTINUADA DE EDUCADORES E  
EDUCADORAS DO CAMPO: POSSIBILIDADES E DESAFIOS  
DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

**Mirian Lange Noal**  
**Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**  
**mirianoal@terra.com.br**

**INTRODUÇÃO**

O texto tem como objetivo propor o debate sobre a formação continuada de educadores e educadoras do campo na modalidade a distância. Meu encontro com essa temática aconteceu em setembro de 2009 quando assumi a coordenação de um Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação do Campo, oferecido pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) em parceria com seis instituições públicas brasileiras de ensino superior: Universidade Federal de Alagoas – UFAL; Universidade Federal do Espírito Santo – UFES; Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES; Universidade Estadual do Maranhão – UEMA; Universidade Federal do Paraná – UFPR; CEFET Pará. Essas instituições atenderam ao Edital 01/2009 proposto pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB).

Nas primeiras reuniões foi definido pela equipe gestora, docentes e orientadores/as acadêmicos/as (tutores/as) que todo o processo seria registrado e se constituiria em uma pesquisa-ação com o objetivo de compreender as possibilidades, os desafios e os limites do ensino a distância para as populações do campo em Mato Grosso do Sul (MS). Nessa perspectiva passamos a efetivar registros regulares sobre as atividades desenvolvidas, construímos ficha de inscrição para o processo seletivo e ficha de matrícula com campos que nos proporcionaram conhecer o perfil das pessoas que estavam chegando ao Curso.

Esses dados ainda estão sendo organizados e tabulados para posterior análise e interpretação. No entanto, a leitura das fichas, a avaliação das Cartas de Intenções e dos Currículos, que compuseram os critérios para o processo seletivo, bem como o acompanhamento dos/as alunos/as durante seis meses possibilitam algumas considerações significativas que pretendo apresentar neste artigo como forma de contribuir com o debate sobre o ensino a distância e as comunidades do campo.

O período de inscrições para o processo seletivo ocorreu entre 16 a 30 de novembro de 2009, totalizando quatrocentos e vinte e cinco (425) candidatos/as para duzentas e cinquenta vagas, distribuídas em sete Polos de Apoio Presencial localizados em municípios de MS: Água Clara; Bataguassu; Camapuã; Costa Rica; Miranda; Rio Brilhante; São Gabriel do Oeste. Estes Polos estão

organizados com infra-estrutura de forma a permitir o desenvolvimento de atividades de cunho administrativo e acadêmico do Curso.

A escolha dos Polos de Apoio Presencial foi decorrente dos seguintes critérios: estar cadastrado no Sistema UAB; localização geográfica, tendo como parâmetro a existência, nas proximidades, de acampamentos, assentamentos, comunidades indígenas, quilombolas, escolas do campo; infra-estrutura de apoio disponível e o interesse de participação na parceria.

Atualmente estamos concluindo o Módulo II, aconteceram dois encontros presenciais e estamos próximos do terceiro encontro presencial. Apresento nesse texto as dificuldades, as alternativas que encontramos e os impasses que têm nos desafiado cada dia a pensar novas possibilidades fundamentados/as na flexibilidade e na compreensão de que estamos atuando com um grupo diferenciado que tem o direito de ser atendido em suas especificidades.

## **OBJETIVOS**

- Registrar o processo de implantação e implementação do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação do Campo com vistas à práxis que transforma.
- Socializar experiências vividas na coordenação de um curso de especialização a distância, voltado para educadores e educadoras do campo, como forma de contribuir com a superação das dificuldades advindas do (des) encontro das tecnologias com as características da vida no campo como as distâncias, as estradas, as telecomunicações, a energia elétrica, entre outros.
- Suscitar a troca de experiências e a constituição de grupos de estudo solidários que tenham como temática a formação de educadores e educadoras do campo na modalidade a distância com vistas a melhorar a produção de materiais de apoio didático, as metodologias e a elaboração de atividades com enunciados provocativos e desencadeadores de aprendizagens significativas.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A fundamentação teórica, pela diversidade das temáticas abordadas e por estarem embasadas em distintos grupos de autores/as, será apresentada de forma breve, em três segmentos – educação a distância, formação de educadores e educadoras do campo em MS, contextualização do Curso. No quarto eixo do texto esses três segmentos dialogam e convergem para que se compreendam algumas das especificidades da formação continuada de educadores/as do campo na modalidade a distância.

## EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

A Educação a Distância é compreendida, na UFMS, como mais uma possibilidade de ampliação dos direitos de cidadania. Embora não se desconheça todas as dificuldades que as populações do campo têm de acesso aos computadores e à internet, não se pode ignorar as possibilidades que essas tecnologias oferecem e o direito cidadão, dessas pessoas, em continuarem suas formações na modalidade a distância.

A experiência oferecida pelo Curso permite estabelecer o diálogo das tecnologias próprias do campo com as tecnologias da computação e da internet, sem perder a criticidade e tendo a clareza das possibilidades e dos limites das máquinas nos processos educacionais. Essas experiências têm sido apresentadas como possibilidades concretas de formação em estudos sobre a modalidade a distância, pois, como alerta Moran (2007, p. 102) :

As tecnologias nos ajudam a encontrar o que está consolidado e a organizar o que está confuso, caótico, disperso. Por isso é tão importante dominar ferramentas de busca da informação e saber interpretar o que se escolhe, adaptá-lo ao contexto pessoal e regional e situar cada informação dentro do universo de referências pessoais.

Dessa forma, a educação a distância não pode ser assumida sem criticidade e sem a reflexão constante sobre a utopia de sociedade e de ser humano que se pretende construir e formar. A educação, concebida sob as concepções da *Ecologia do Desenvolvimento Humano* de Urie Bronfenbrenner (1996), é parte constituinte dos quatro níveis dinâmicos e inter-relacionados de crescimento humano: a pessoa, o processo, o contexto e o tempo. Morando em uma comunidade rural, Bronfenbrenner (1996) destaca os aspectos saudáveis do desenvolvimento, focaliza os estudos em ambientes naturais e a relevância da diversidade de ambientes e de grupos culturais como partes desse processo. O desenvolvimento humano é, então, definido por Bronfenbrenner (1996, p. 191) como: "o conjunto de processos através dos quais as particularidades da pessoa e do ambiente interagem para produzir constância e mudança nas características da pessoa no curso de sua vida".

A teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano parte do pressuposto que o ser humano participa, durante sua vida, de diferentes ambientes/sistemas: a) a família ou o *microsistema* no qual a pessoa em desenvolvimento estabelece relações estáveis e significativas; b) a vizinhança e a escola, juntamente com outros *microsistemas* compõem o *mesossistema* que possibilita diferentes relações e exercita papéis específicos dentro de cada contexto; c) os ambientes nos quais a pessoa não está presente, mas sofre as influências das decisões ali tomadas são denominadas *exossistema*, são as decisões tomadas pela direção da escola, as políticas públicas, as relações no ambiente de trabalho, etc.; d) também há a interferência do conjunto de valores e crenças ou o *macrossistema*, que

permeia a existência das diversas culturas. Esses quatro sistemas estão em constante relação, demarcando a interação dinâmica entre eles e uma concepção contextualizada de desenvolvimento humano.

Nessa concepção ecológica de desenvolvimento não se pode negar a influência das máquinas e das mídias, em especial, a utilização dos computadores e da internet como ambientes de aprendizagem presentes nos diferentes sistemas. Nesse contexto, a educação a distância se coloca como possibilidade de oferecimento de formação continuada para educadores/as que se encontram em serviço e que precisam estabelecer o diálogo com as teorias e com outros/as profissionais para repensar suas vidas e suas atuações profissionais. A educação a distância, nessa perspectiva, possibilita o diálogo entre pessoas que estão distantes geograficamente, mas que são parte de um contexto mais amplo e, portanto têm o direito de não ficar isoladas. Essas pessoas têm o direito de estabelecer pontes de comunicação, mediadas pelo diálogo, para que possam debater seus problemas e construir utopias coletivas que se constituam em outras formas de viver mais éticas e mais humanizadoras. Esse direito é defendido por Paulo Freire (1987, p. 78-79) como o direito de ser e de estar no mundo:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. [...]  
 Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isso, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais. [...]  
 Por isto, o diálogo é uma exigência existencial.

O Curso em desenvolvimento tem possibilitado, por meio da modalidade a distância, o encontro e o diálogo entre educadores/as que atuam em diferentes regiões de Mato Grosso do Sul, mediados pelos eixos curriculares, pelas atividades, pelos fóruns, pelos encontros presenciais. Espera-se que essa proposta fortaleça as experiências já consolidadas, aproxime os/as educadores/as e contribua para a construção coletiva de políticas públicas comprometidas com as Escolas do Campo em Mato Grosso do Sul.

## **FORMAÇÃO DE EDUCADORES E EDUCADORAS DO CAMPO EM MS**

A Educação do Campo tem se constituído em um fenômeno crescente a ser estudado e compreendido nos processos educacionais brasileiros. Essa educação, tendo como nascente os movimentos sociais camponeses, gradativamente, estende-se para outros grupos sociais que têm a terra como referência de sustentabilidade, de enraizamento e de *circularidade cultural*

(GINZBURG, 1987). Mato Grosso do Sul, é, por identidade fundante, um território de indígenas, de camponeses e, posteriormente, de quilombolas, ao servir de refúgio para negros fugidos durante o período da escravidão. Nos processos de acumulação de terras e de instituição de propriedades privadas (latifúndios), muitos desses grupos que permaneceram no campo perderam seus territórios e foram feitos trabalhadores/as assalariados/as.

É um Estado com grandes reservas naturais, sendo que 65% da área do Pantanal, planície de inundação contínua, formada principalmente pelas cheias do rio Paraguai e afluentes, faz parte de território sul-mato-grossense. Por ser a maior planície alagável do mundo, por possuir um ecossistema que tem *habitat* natural e possuir espécies de animais ameaçados de extinção, o Pantanal foi declarado, pela UNESCO, em 2000, como Sítio do Patrimônio Mundial Natural.

Nas terras do Estado do Pantanal, também se destacam as atividades agrícolas com o plantio de soja, arroz, trigo, milho, feijão, mandioca, algiodão, amendoim, cana-de-açúcar. Atualmente, a cultura com maior expansão é a da cana-de-açúcar que precisa ser repensada em função de sua ligação direta com as usinas de álcool já implantadas e em processo de implantação e os consequentes impactos ao ecossistema assim como as plantações de eucalipto a serviço da celulose. Mato Grosso do Sul também possui o terceiro maior rebanho bovino do país, sendo que a região de maior produção bovina é a do Pantanal. O Estado possui importantes jazidas de ferro, manganês, calcário, mármore, estanho e uma significativa produção de carvão vegetal. O parque industrial ainda é economicamente insignificante e concentrado nas cidades mais populosas. O turismo ecológico/rural também em expansão no Estado atrai turistas brasileiros e de fora do país, representando importante fonte econômica. No entanto, como no restante do país, a concentração de renda e o poder político encontram-se sob o domínio de grupos que, historicamente, têm dominado e determinado as políticas públicas de privilégios e de excessões.

Nesse contexto, constantemente os grupos sociais excluídos dos processos decisórios e as áreas de preservação ambiental sofrem ameaças de ações especulativas de grupos econômicos que tentam, pela força, pela ideologia e pela cooptação de lideranças, convencer sobre a legitimidade ecológica de seus projetos. Estudos, como os desenvolvidos por Fritjof Capra nas últimas décadas (1975, 1982, 1996, 2002), têm demonstrado que, a médio e longo prazo, essas intervenções nos ecossistemas trazem irreparáveis conseqüências afetando a economia familiar, a sustentabilidade local e a vida em todas as suas formas de manifestação.

Os estudos de Fritjof Capra evidenciam as conexões existentes entre os fenômenos e alertam para a necessidade de processos educacionais que sensibilizem os seres humanos para serem protagonistas de outras possibilidades de produção e de sustentabilidade que se contraponham às formas

destruidoras do capitalismo e sua incessante busca de lucro e de acumulação de capital. É preciso, segundo Capra, integrar as quatro dimensões da vida: biológica, cognitiva, social e cultural.

Humberto Maturana e Francisco Varela (2001) apresentam a teoria da *biologia da cognição* e evidenciam, na obra *A Árvore do Conhecimento*, que a vida é um processo de comunicações e que os seres humanos vivem no mundo e são parte dele, compartilhando o processo vital com todas as espécies. Construimos e somos construídos pelo mundo e pelas culturas ao longo de nossos ciclos vitais. Nesses processos, somos co-responsáveis pela nossa qualidade de vida e dos demais seres que habitam o universo. Maturana e Varela apresentam teorias singulares que demonstram que cada um/a de nós constrói a si mesmo/a, constrói seus próprios conhecimentos e possibilita outros conhecimentos. Essas teorias desafiam para as possibilidades de outras formas de vida, desafiam a sair do conforto e da passividade para nos colocar no processo sempre inacabado de construção de nossas próprias vidas, das sociedades e do mundo.

Implantar e implementar essas concepções exige o diálogo e desafiam a educação como a possibilidade do observar crítico, do debate e do encontro entre diferentes áreas do conhecimento em especial a pedagogia dialogando com a biologia e as ciências humanas e sociais (filosofia, história, geografia, sociologia, antropologia). Exigem, paralelamente, o encontro e o diálogo do campo com a cidade, da educação do campo com a educação urbana, na percepção de que há uma unidade e que, sempre que essa for quebrada, haverá conseqüências nefastas para todas as manifestações de vida.

Duas questões importantes, nessa busca de replanejar os processos de sustentabilidade local, em contraponto aos processos de globalização, é tornar evidente que: a) algumas comunidades estão construindo experiências significativas de educação do campo, mas ainda são experiências isoladas por falta de registro, de socialização e de trocas com outros grupos; b) muitas comunidades do campo já sabem, por *experiências vividas* (BENJAMIN, 1980), o que não querem para suas vidas, no entanto, ainda lhes faltam conhecimentos e momentos específicos para pensar e planejar projetos concretos que se contraponham aos propostos pela globalização econômica capitalista.

Para que essas propostas alternativas de sustentabilidade sejam pensadas, se efetivem e avancem, é preciso desconstruir o conformismo e a percepção equivocada de que *naturalmente* os processos de desenvolvimento exigem a quebra das *teias da vida* (CAPRA, 1996). É preciso evidenciar que a atual globalização e suas intervenções destruidoras nos ecossistemas são o resultado de ações planejadas, implantadas e implementadas por grupos economicamente poderosos e que, portanto, podem ser contestadas e rejeitadas por outros grupos sociais que defendem valores como os direitos humanos, a democracia, a proteção ambiental em contraponto aos princípios do lucro e do acumular dinheiro. Essa virada é uma decisão política e exige participação consciente, organizada e

registrada, fundamentada em conhecimentos éticos e humanizadores, que a formação continuada de educadores/as do campo pode e deve contemplar.

As características da geografia humana e física de Mato Grosso do Sul acarretam responsabilidades políticas e sociais para as instituições públicas de ensino superior que precisam assumir essas temáticas na formação inicial e continuada de educadores/as evidenciada por Maturana e Varela (2001, p. 267-270):

O conhecimento do conhecimento obriga. Obriga-nos a assumir uma atitude de permanente vigília contra a tentação da certeza, a reconhecer que nossas certezas não são provas da verdade, como se o mundo que cada um vê fosse o mundo e não um mundo que construímos juntamente com os outros. Ele nos obriga, porque ao saber que sabemos não podemos negar que sabemos.[...] Não é o conhecimento, mas sim o conhecimento do conhecimento, que cria o comprometimento.

Nesse processo, é essencial que a educação se constitua, intencionalmente, em um projeto da classe trabalhadora do campo voltado para as pessoas e para as vidas que estão no campo e, conseqüentemente, também para as pessoas que habitam as cidades. É preciso construir propostas de educação que contribuam para estabelecer e fortalecer o diálogo entre o campo e a cidade, sem a hierarquização de saberes e sem as desigualdades atualmente existentes. É preciso compreender que, em Mato Grosso do Sul, o rural e o urbano encontram-se constantemente, que é muito raro não existir alunos/as oriundos/as da zona rural e com experiências do campo, em qualquer escola pública, seja ela urbana ou do campo, pois os limites entre as cidades e o campo, são muito tênues. Portanto, é preciso implementar debates e estudos que possibilitem pensar e implantar/implementar propostas de Educação do Campo emancipatórias em Mato Grosso do Sul, pois, como alerta Caldart (2009, p. 36):

Discutir sobre a Educação do campo hoje, e buscando ser fiel aos seus objetivos de origem, nos exige um olhar de totalidade, em perspectiva, com uma preocupação metodológica, sobre como interpretá-la, combinada a uma preocupação política, de balanço do percurso e de compreensão das tendências de futuro para poder atuar sobre elas.

As *Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo* foram aprovadas em 2001 pelo Conselho Nacional de Educação e, para que esse projeto se efetive e avance, faz-se necessário formar educadores/as pedagógica e politicamente preparados/as para responder às especificidades do campo e atender à demanda de educação básica. A formação continuada, objeto do Curso de Especialização, visa formar educadores/as (professores/as, gestores/as e outros/as profissionais) da rede de ensino de educação básica para atender as Diretrizes Operacionais das Escolas do Campo em Mato Grosso do Sul. Pela caracterização do Estado, com grandes e significativas áreas de preservação ambiental, defendemos a inclusão, nos processos formativos, de debates com foco na educação ambiental, na agricultura familiar e na sustentabilidade solidária.

A professora Rosemeire Aparecida de Almeida, uma das docentes do Curso, quando consultada sobre as possibilidades de reedição do Curso, assim se manifestou por e-mail: “[...] é preciso pensar alternativas no campo que fujam ao modelo insustentável do agronegócio, neste sentido temos práticas interessantes no MS como o CEPPEC (em Nioaque) e a CPT com as feiras de sementes crioulas e oficinas de agroecologia [...]”. Concordamos com a professora, pois essas experiências não podem ficar isoladas e afastadas das Escolas Campo, há muito a aprender e a construir coletivamente. Com gestores/as, professores/as e alunos/as pensantes, críticos/as e éticos/as, as Escolas do Campo podem constituir-se em espaços abertos e solidários. Espaços que contribuam com a organização e a sistematização dos conhecimentos construídos historicamente no campo sul-mato-grossense em diálogo com outras propostas nacionais e internacionais que colocam as populações do campo como as legítimas protagonistas de seus processos de vida.

As possibilidades desse protagonismo ficam explícitas no e-mail da professora Elizandra Gonçalves do Nascimento, presidente da Comissão de Educação do MST/MS, membro do Comitê Estadual de Educação do Campo/MS e aluna do Curso de Especialização *Lato Sensu* em Educação do Campo/MS, sobre a possibilidade e a necessidade de reoferecimento do Curso:

[...] que bom que a universidade está animada para abrir outro curso de especialização do campo, é uma oportunidade para os educadores do campo estarem ocupando as universidades públicas e melhor, em busca de novos conhecimentos para atuar com mais qualidade em nossas escolas do campo. Embora não seja fácil para nós que moramos no campo fazer este tipo de curso devido a dificuldade de acesso a internet, tenho como sugestão que possa ter polos em Campo Grande que é uma região com muitos assentamentos com uma demanda grande de educadores e outra região que ficou muito descoberta com este 1º curso é a região de Itaquiraí e Ponta Porã. Vejo que quando pensamos um curso desta natureza temos que pensar nos sujeitos, ou seja, nos educadores do campo e aonde estão estes sujeitos, para melhor ter acesso, pois tudo para os mesmos é mas difícil. Outra sugestão é o quadro de tutores e professores que minimamente tem que ter a flexibilidade ou uma afinidade com as questões do campo, se não fica muito mecânico, não atingindo de fato os propósitos da educação do campo. Espero que possa ajudar, são as minhas impressões, temos que marcar com urgência a reunião do Comitê para conversamos melhor sobre as questões do campo [...]

## **CONTEXTUALIZAÇÃO DO CURSO**

O Curso, como já evidenciado, foi proposto a partir do Edital 01/2008 da SECAD. Após adequações ao projeto inicial, foi definido que o mesmo será desenvolvido em 360 horas, com encontros presenciais e a distância. Está fundamentado na interatividade dos/as orientadores/as acadêmicos/as (tutores/as) com os/as cursistas, via internet, na plataforma de aprendizagem virtual *Moodle*.

A aula inaugural ocorreu no dia 19 de dezembro de 2009, nos Polos de Apoio Presencial. O curso está organizado para ser desenvolvido em dezoito meses e estão previstos oito encontros

presenciais, sendo que dois já foram realizados. Os/as orientadores/as acadêmicos/as a distância acompanham os/as cursistas que são estimulados/as a constituir grupos de estudo a fim de facilitar a leitura, a compreensão e a elaboração das atividades de maneira virtual na Comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede.

Os encontros presenciais têm o objetivo de possibilitar o debate, as trocas, o encontro com diferentes linguagens (teatro, poesia, literatura, música, dança, artes plásticas, manifestações culturais) e a construção coletiva de propostas inovadoras para/com a Educação do Campo em Mato Grosso do Sul. Também estão previstas visitas orientadas a Escolas do Campo que estejam localizadas nas proximidades dos Polos com o objetivo de construir um diagnóstico consolidado e denso dos diferentes contextos da Educação do Campo em Mato Grosso do Sul. Essas visitas também têm o objetivo de possibilitar observações, trocas de experiências, encontros informais e lúdicos como meio para estabelecer vínculos e parcerias entre as escolas e entre os/as educadores/as do campo.

A Tutoria no Curso é compreendida como parte integrante de todo o processo. Dessa maneira, os/as orientadores/as acadêmicos/as, além de acompanharem e facilitarem o desempenho acadêmico, participam das decisões pedagógicas pertinentes ao Curso, avaliam o andamento dos módulos e contribuem para que o ambiente virtual esteja constantemente sendo melhorado para facilitar a efetiva participação dos/as alunos/as.

Os/as orientadores/as acadêmicos/as estão se efetivando como pesquisadores/as da Educação do Campo, em especial em Mato Grosso do Sul. Nessa perspectiva, são estimulados/as a fazerem registros individuais e coletivos com vistas a sistematizar as *experiências vividas* (BENJAMIN, 1980) com vistas à construção e à socialização dos conhecimentos. Também são estimulados/as a produzir, apresentar e publicar textos científicos em eventos da área.

A estrutura curricular do Curso foi definida pelas sete instituições parceiras, que atenderam ao Edital SECAD 01/2008, em reuniões de estudo que têm ocorrido em Brasília/DF. Também foi constituída uma Comissão de Editoração que está responsável pela elaboração e análise dos materiais de apoio pedagógico que estão subsidiando o desenvolvimento dos Módulos. Paralelamente, cada instituição compôs o grupo gestor e a equipe docente que está responsável pela elaboração de materiais de apoio pedagógico que atendam às características regionais. O mesmo grupo local também é responsável pela docência, deslocando-se para os Polos de Apoio com o objetivo de coordenar os encontros presenciais /as com auxílio dos orientadores/a acadêmicos/as.

O Curso está estruturado em seis módulos. O Módulo I, desenvolvido nos meses de janeiro e fevereiro de 2010, teve o objetivo de apresentar o Curso, fazer uma breve introdução à temática da Educação do Campo e apresentar o ambiente virtual de aprendizagem (*Moodle*). O Módulo II

denominado “Introdução à Educação do Campo” e desenvolvido nos meses de março, abril e maio, abordou/aborda os fundamentos e a história da Educação do Campo no Brasil e MS. Na sequência foram abordados os Movimentos Sociais do Campo e durante o mês de maio os/as alunos/as estão estudando a Educação do Campo na interface das questões agrárias e ambientais, com a oportunidade de conhecerem e debaterem sobre a importância das pequenas propriedades e da agricultura familiar para a produção de alimentos.

O Módulo III, a ser desenvolvido em junho, julho e agosto, irá abordar as Práticas Pedagógicas em Educação do Campo. O material de apoio didático regional está sendo elaborado com relatos de experiências de educadores/as que atuam em Escolas do Campo de Mato Grosso do Sul (MS), alunos/as do Curso, com o objetivo de valorizar as práticas desenvolvidas nas escolas e possibilitar as trocas entre educadores/as que estão atuando em realidades semelhantes e, dialeticamente, distintas. Serão efetivados registros das práticas pedagógicas que ocorrem nas escolas do campo de MS com o objetivo de assegurar visibilidade aos avanços que acontecem de maneira quase imperceptível e, dessa forma, possibilitar a socialização e provocar o debate. Será assegurando o debate e a escrita do Projeto Político-Pedagógico como horizonte utópico e como documento norteador das práticas pedagógicas cotidianas. Estão previstas visitas às escolas do campo, localizadas nas diferentes regiões de MS, para provocar o debate, a auto-avaliação, as redes de entre-ajuda. Considerando as características regionais também serão socializadas as diferentes linguagens, a arte e as tecnologias como saberes necessários e metodologias possíveis nas Escolas do Campo.

O Módulo IV, a ser desenvolvido em setembro, outubro e novembro aborda a Gestão Educacional no Campo. Pretende provocar o debate para que sejam compreendidas as conexões políticas existentes entre as instâncias municipais, estaduais e federais, na possibilidade de que os/as cursistas compreendam as ligações das partes com o todo e do todo com as partes. Será proposta a gestão participativa como possibilidade de aproximar a escola das práticas de gestão dos movimentos sociais do campo, fundamentados na coletividade e na participação organizada em torno de objetivos comuns.

O Módulo V, a ser desenvolvido em dezembro, tem o objetivo e responsabilidade de abordar a Metodologia do Trabalho Científico. Será evidenciada a necessidade de embasamento teórico para desenvolver a capacidade de observar criticamente o cotidiano e efetivar registros sistematizados das *experiências vividas* (BENJAMIN, 1980) na educação escolar como necessidades metodológicas no processo de formação de professores/as pesquisadores/as. A pesquisa científica será evidenciada como caminho para o registro e a transformação da práxis.

Ao final do curso, nos meses de julho e agosto de 2011, com a realização dos Seminários Temáticos, será proporcionado um espaço privilegiado para a apresentação das pesquisas realizadas ao longo do curso e o debate engajado sobre a Educação do Campo em Mato Grosso do Sul, seus limites, seus desafios e possibilidades. Pretende-se que, ao final do curso, as redes solidárias de estudo e de pesquisa tenham sido consolidadas e que os/as professores/as do campo se constituam, de fato e de direito, sistematizadores/as e construtores/as de conhecimentos com as comunidades educativas das escolas do campo de Mato Grosso do Sul. Conhecimentos esses que, dialeticamente, estarão processualmente sendo construídos, questionados, negados e reconstruídos historicamente, gerando novos e novos conhecimentos.

A avaliação, no Curso, tem caráter formativo, processual e tem como objetivo contribuir para que os/as alunos/as reconheçam suas experiências e conhecimentos, percebam suas possibilidades e possam detectar as lacunas que existem em seus processos formativos buscando, individual e coletivamente, o aprofundamento sobre as temáticas relacionadas com a Educação do Campo. Está sendo estimulada a auto-avaliação como exercício da autonomia para que o/a aluno/a seja capaz de avaliar criticamente a sua atuação, possa detectar equívocos e buscar alternativas para superá-los.

## **METODOLOGIA**

A definição metodológica deste trabalho é, antes de mais nada, política, ideológica, engajada. Portanto, tem lado, não se pretende neutra ou imparcial. Estou limitada, em minha capacidade de contato com o campo, por “uma possibilidade objetiva de visibilidade” (Löwy, 1994, p. 216), construída ao longo de minha trajetória pessoal e profissional. Essa matriz epistemológica tem direcionado a organização do Curso e a metodologia da pesquisa. que está em permanente estado de construção. Busco evitar “[...] algumas falas tão cheias de certezas, certas de que carregam a verdade científica, ignorantes que são de um princípio da ciência, que é a provisoriedade.” (GARCIA, 2003, p. 15)

Optei por teorias de ruptura, teorias transgressoras que estão em construção para que a metodologia adotada seja capaz de evidenciar o que os/as educadores/as do campo são capazes de pensar, propor, fazer, estabelecendo uma relação com o observado que: “[...] não é puro conhecimento, os dados se apresentam como configurações vivas, singulares, e em uma palavra, demasiado humanas, que tendem a impor-se como estruturas do objeto.” (BORDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 1998, p. 28-29). Dessa forma, continuam os mesmos autores: “[...] o descobrimento não se reduz nunca a uma simples leitura do real, mesmo o mais desconcertante, posto que supõe sempre a ruptura com o real e as configurações que este propõe à percepção.” (p. 29)

O método dialético foi adotado como a matriz epistemológica que tem orientado a pesquisa permitindo o diálogo entre a teoria e a realidade, no exercício constante de tese-antítese-síntese. Optei por essa matriz tendo em vista a complexidade da realidade a ser pesquisada e a conseqüente necessidade de utilizar dialogicamente os sentidos, a razão e a intuição num constante movimento de observação, escuta, análise, síntese e volta à observação e à escuta numa busca do conhecimento em espiral, sempre em movimento, sempre em ampliação, sempre em questionamento.

A pesquisa caracteriza-se como “[...] fios que não pretendem ser a palavra final, a palavra verdadeira [...]; fios ou teias que pretendem deixar a problemática, ora focalizada, em aberto, como narrativa capaz de ser continuada por outros sujeitos”(GALZERANI, 2002, p. 64). Está fundamentada “[...] não na posse imobilizadora de uma única verdade, mas na troca de visões de mundo e de sensibilidades.” (p. 65-66)

Essa pesquisa ainda está no início. Ainda é um estudo exploratório, pois:

[...] a pesquisa-ação, para bem se realizar, precisa contar com um longo tempo para sua realização plena. Não pode ser um processo aligeirado, superficial, com tempo marcado. A imprevisibilidade é um componente fundamental à prática da pesquisa-ação. [...] A pressa é um pressuposto que não funciona na pesquisa-ação [...] (FRANCO, 2005, p.493)

## **RESULTADOS:**

### **FRAGMENTOS DO QUE JÁ FOI EVIDENCIADO PARA POSSIBILITAR O DEBATE**

A pesquisa começou a ser constituída com o processo de divulgação do Curso, durante os meses de setembro e outubro de 2009. Nesse momento, o primeiro impasse concreto: Como chegar até aos/às educadores/as do campo? O curso e o cronograma inicial estavam aprovados, mas como encontrar as pessoas que tinham o direito de freqüentá-lo? Esse era/é um compromisso político e pedagógico da equipe gestora, dos/as docentes e orientadores/as acadêmicos/as, coordenadores/as de Polos de Apoio Presencial.

Outro impasse foi a necessidade de definir critérios de seleção, caso houvesse mais candidatos/as do que vagas. Sabíamos o que deveria ser evitado: currículos focalizados na formação academicista e em entrevistas que exigissem deslocamentos. Mas o que poderia ser apresentado como alternativa? O Edital do Processo Seletivo precisava ser publicado a coerência com a proposta político-pedagógica do Curso precisava ser assegurada. Arriscamos e definimos a Carta de Intenções e o Currículo Vitae como caminhos para a seleção. Mas era preciso que os/as educadores/as do campo compreendessem o que eram esses instrumentos e como fazê-los. Tentamos não ser paternalistas, mas fomos, pois sabíamos das dificuldades de comunicação a distância pela diferença de vocabulário e pela dificuldade de sermos capazes de redigir os textos sem que ocorressem duplas interpretações. A comunicação por meio de textos escritos talvez seja uma das maiores dificuldades

da educação a distância, escrevo para um/a outro/a que não conheço e que não me conhece e cada um/a de nós tem referenciais distintos.

Cientes dessas dificuldades, elaboramos um roteiro explicativo para a elaboração da Carta de Intenções e adequamos o Currículo com o objetivo de valorizar as experiências que poderiam ter sido vividas no campo: tempo de docência em escolas do campo; organização de eventos artísticos, culturais e educacionais; participação em movimentos sociais e comunitários; locução em rádios; apresentações culturais, etc. Nosso objetivo foi construir elementos para o processo seletivo que o/as educadores/as do campo se identificassem e sentissem que o Curso era deles. Nesse momento, surgiu outro impasse, recebemos vários telefonemas e constatamos que os/as educadores/as do campo têm uma grande mobilidade e pouca preocupação com registros e documentos. Dessa forma, muitos não conseguiram pontuar seus currículos por falta de documentação. Essa é uma situação concreta que precisa ser debatida e flexibilizada, sem que se perca os princípios da ética, da transparência e da equidade para com os/as demais candidatos/as.

Vontade política, criatividade e intencionalidade gestaram uma rede de comunicação que utilizou todas as possibilidades de chegar aos mais distantes campos de MS: rádio; folder; comunicação boca a ouvidos; igrejas; movimentos sociais; eventos; secretarias de educação; escolas... Tínhamos o receio de não envolver educadores/as que, efetivamente, atuam em escolas do campo, pois a UFMS não tem tradição de envolver esses grupos e essa temática. Para agravar, o tempo de divulgação estava reduzido pela obrigatoriedade da aula inaugural acontecer ainda em 2009. A esperança e o medo intercalavam-se em nós, na expectativa de termos ou não termos um número significativo de inscrições. Último dia, quatrocentos e vinte e cinco inscritos/as! Alegria, objetivos alcançados.

Iniciou o Processo Seletivo e uma constatação: a Carta de Intenções foi um acerto, pois permitiu a livre expressão dos/as candidatos/as, assim como possibilitou aos membros da Comissão de Seleção a oportunidade de iniciarem processos de mapeamento do perfil das pessoas que aceitaram a Educação do Campo como temática para uma especialização. De certa forma, a diversidade nos surpreendeu, pois, entre os/as inscritos/as contamos com mestres em educação, professores/as das cidades, professores/as do campo e alguns profissionais que, aparentemente, não estão envolvidos com a educação escolar. Por exemplo, um dos candidatos é um policial civil que se inscreveu com o objetivo de compreender melhor as situações de violência que estão aumentando no seu local de trabalho, uma pacata cidade do interior de MS. Essas situações inusitadas nos mostraram que o planejamento, por mais bem estruturado que seja, não consegue evitar as surpresas que a sua execução traz e que é preciso manter-se receptivos/as aos apelos e às características do grupo.

Processo seletivo concluído, divulgação, abertura do período de matrículas. Novas surpresas: o período de matrícula estava terminando e cinquenta classificados/as não haviam efetivado

matrícula. Decidimos estabelecer contato e conseguimos mais informações sobre nossos/as futuros/as alunos/as: alguns/algumas não tinham e-mail; outros precisavam da ajuda de filhos/as para acessar o computador e a internet; havia alguns ilhados em fazendas distantes sem nenhuma possibilidade de comunicação. Em um verdadeiro mutirão, começamos a estabelecer contatos com sogras, tias, irmãos e irmãs, mães. Cada um/a levava o recado até uma parte do caminho e passava para outro/a. Dessa forma, alguns contatos só foram efetivados após quatro ou cinco dias. Essa dificuldade, por outro lado, evidenciou as redes de solidariedade que existem no campo e que precisam fazer parte dos processos educativos, inclusive os escolares.

O curso iniciou e, no primeiro encontro presencial mais surpresas. Alguns/algumas alunos/as nunca haviam utilizado um computador, nunca haviam acessado a internet. Com dedicação os professores/as e os orientadores/as acadêmicos/as estão conseguindo trazê-los para a inclusão digital.

Temos aprendido, nesse período, que é essencial ter flexibilidade para que a educação a distância se consolide e possa ser uma aliada para os/as educadores/as do campo, pois, se ela traz problemas, a formação continuada presencial é praticamente impossível. Aprendemos que é preciso flexibilizar os prazos para postagem das atividades avaliativas, que os/as alunos/as precisam de finais de semana para fazê-las e postá-las. Sabemos hoje que mais de cinquenta por cento de nossos/as alunos/as apresentam dificuldades com as tecnologias tanto pelo acesso dificultado pelas distâncias, como pela limitação das máquinas que estão disponíveis.

Nossa última decisão foi fazer uma pausa no cronograma e, ao final de maio, após a conclusão do Módulo II, vamos fazer um novo mutirão para que os/as alunos/as que estão com pendências ou que estão pensando em desistir possam retornar ao Curso e, organizados/as, possam participar com mais afinco do Módulo III..

Essas são as primeiras impressões, os dados estão sendo organizados para que possam ser socializados e para que possam subsidiar nossas metodologias e nossas dinâmicas. O que podemos afirmar é que a educação a distância é o caminho possível para a democratização de oportunidades para a formação continuada de educadores/as do campo. Há limites, mas o trabalho em equipe, o diálogo com os/as alunos/as e a flexibilização podem ser condutores de soluções que superam os problemas e significam nosso fazer político-pedagógico comprometido com a educação do campo.

## **Resumo**

O texto tem como objetivo propor o debate sobre a formação continuada de educadores/as do campo na modalidade a distância. Apresenta a implantação e os processos iniciais de implementação do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação do Campo, oferecido pela UFMS em parceria com seis instituições públicas de ensino superior que atenderam ao Edital 01/2009 proposto pela SECAD em parceria com a UAB. Nas primeiras reuniões do grupo gestor e pedagógico ficou definido que todo o processo se constituiria em uma pesquisa-ação com o objetivo

de compreender as possibilidades, os desafios e os limites do ensino a distância para as populações do campo em MS. Nessa perspectiva passamos a efetivar registros regulares sobre as atividades desenvolvidas, construímos fichas de inscrição e de matrícula com campos que nos proporcionaram conhecer o perfil das pessoas que estavam chegando ao Curso. Esses dados ainda estão sendo organizados e tabulados para posterior análise e interpretação. No entanto, há possibilidade de apresentar alguns indicativos como forma de contribuir e possibilitar o debate sobre o ensino a distância e as comunidades do campo.

**Palavras-chave:** 1. Educação do Campo. 2. Formação de educadores e educadoras. 3. Educação a Distância.

## Referências Bibliográficas

- ARROYO, Miguel. Gonzalez. Escolas Cidadania e Participação no Campo. **Em Aberto**. Brasília: nº 9, Set., 1992.
- BENJAMIN, Walter. **Textos escolhidos**. In: BENJAMIN, Walter; HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W.; HABERMANS, Jürgen. Textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Coleção Os Pensadores. p. 01-85.
- BRONFENBRENNER, Urie **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- CALDART, Roseli Saete. Educação do campo: notas para uma análise de percurso. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar./jun.2009. Disponível em: <http://www.revista.epsjv.fiocruz.br/include/mostrarpdf.cfm?Num=235>
- CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2002.
- \_\_\_\_\_. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005. disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%>
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar: a escolas do mundo ao avesso**. 8. ed. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- LÖWY, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento**. 5. ed. rev. São Paulo: Cortez, 1994.
- MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas: Papyrus, 2007.
- UNGER, Nancy Mangabeira. **Da foz à nascente: o recado do rio**. São Paulo: Cortez; Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2001.
- BORDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **El ofício de sociólogo**. 20. ed. Madrid, Espanha: Siglo Veintiuno de Espana, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Imagens entrecruzadas de infância e de produção de conhecimento histórico em Walter Benjamin. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias. (Orgs.) **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas/SP: Autores Associados, 2002. p. 49-68.
- GARCIA, Regina Leite. (Org.) **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- MATURANA, R. Humberto. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. São Paulo: Psy, 1995.